

Superávit será mais modesto

O ano que passou viu recordes expressivos no comércio exterior brasileiro. Hoje, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, anuncia os resultados do setor em 2004. As exportações superaram a meta de US\$ 94 bilhões e o superávit da balança comercial ficou acima dos US\$ 31 bi. O Brasil se destacou também na diversificação de mercados alcançados e de produtos vendidos.

Mas para 2005 o otimismo não é tão grande. Os preços das commodities agrícolas já acumulam quedas expressivas em comparação ao primeiro semestre do ano passado e, mesmo com a esperada alta no volume embarcado, o valor conseguido não alcançará o patamar de 2004.

De acordo com a Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), as exportações devem subir 5,3% este ano,

para US\$ 100,270 bilhões. As importações, no entanto, avançarão 16,8%, para US\$ 73,710 bi. Como resultado, o superávit cairá para US\$ 26,560 bilhões.

As projeções da instituição consideram que a taxa média de dólar ficará acima de R\$ 3 ao longo do ano. Para José Augusto de Castro, vice-presidente da AEB, o patamar da moeda americana é a principal fonte de preocupação. Ele ressalta que os impactos da atual cotação do dólar – abaixo dos R\$ 2,70 – vão aparecer em março, quando começarão os embarques de contratos fechados agora, com o real valorizado.

– O principal impacto será nas pequenas e médias empresas, que não terão como suportar os aumentos de custos, em reais, no mercado interno – assegura Castro.

O vice-presidente da AEB ressalta que outros fatores po-

dem interferir no desempenho da balança.

– A discussão de salvaguardas com a Argentina pode reduzir o nível de US\$ 7,2 bilhões em vendas para o país alcançado em 2004. Além disso, o euro valorizado pode diminuir o volume de importações da União Européia e os Estados Unidos talvez optem por algum nível de protecionismo para reduzir o déficit comercial – alerta.

Em relação às salvaguardas, no entanto, o advogado Durval de Noronha, do escritório Noronha Advogados, revela que as negociações têm se encaminhado de forma positiva e que a postura argentina não é injustificada.

– O que eles querem é fruto de negociação. Eles colocam a questão na mesa para corrigir assimetrias existentes no Mercosul – diz.

Rafael Rosas